

Bryan Lee e o seu colete

No início do século XXII, Bryan Lee trabalhava no Laboratório de Astronomia e Ciências do Espaço (LACE), na Universidade de Marimbela. Aí todas as pessoas possuíam superpoderes como os super-heróis, sendo todos eles diferentes entre si.

Bryan Lee era um professor universitário de Mecânica Quântica, que desde cedo se tinha interessado pela Astronomia. No entanto, não tinha optado por essa área, pois os seus pais não o apoiaram. Sempre tinham ambicionado que o seu filho tivesse uma profissão mais estável. Além disso, Bryan Lee tinha resistência sobre-humana, ou seja, conseguia realizar qualquer atividade sem se cansar, graças a este seu superpoder. Durante muitos anos, dedicou muito do seu tempo livre ao estudo da Física e, ainda que esta não fosse a sua área, partilhava muitos dos seus conhecimentos com os seus alunos.

Um deles era Hank Norris, aluno do último ano do curso de Física, na mesma universidade. Estava a repetir o último ano, pois tinha utilizado na sua tese final um trabalho de outros autores, não tendo concluído o curso por esse motivo. Este aluno possuía, como superpoder, a visão noturna que, aliada à sua paixão pela astronomia, o levaram a escolher como tema da tese final do seu curso a Cosmologia e a Radiação Cósmica. Devido à situação em que se encontrava, decidiu pedir ajuda ao professor Bryan Lee para a preparar. Este tema despertou, de imediato, o interesse do professor que, sem hesitar, decidiu ajudar o seu aluno.

A tese já tinha sido proposta há algum tempo e era hora de pôr mãos à obra. Como o tema era do agrado do professor, este rapidamente se disponibilizou para pesquisar mais sobre o mesmo e, no próprio dia em que o aluno o contactou, deslocou-se para o laboratório assim que terminou o seu horário de trabalho na universidade e iniciou a sua investigação.

Num dos dias destinados à pesquisa, viria a acontecer um fenómeno muito raro no universo, o eclipse da estrela Sirius. O professor decidiu estudar melhor esse acontecimento, que considerava muito importante para a tese do seu aluno. Contudo, apesar de lhe despertar bastante interesse, não tinha muita informação sobre como utilizar os melhores telescópios e filtros e, ao olhar diretamente para o eclipse, sem qualquer proteção ocular, provocou danos irreversíveis nos seus olhos, ficando assim, instantaneamente, cego.

Toda a vida de Bryan Lee ficou muito condicionada, vendo-se incapacitado de continuar a realizar, como habitualmente, as suas atividades diárias e as atividades físicas que tanto gostava de praticar nas horas livres.

Hank Norris sentiu-se culpado com o ocorrido com o professor, uma vez que tinha sido para a sua investigação e, achando-se no dever de o recompensar de alguma forma, pediu ajuda ao professor de Engenharia Mecânica, Walter White, para a elaboração de uma prótese biónica. Esta prótese consistia num colete, equipado com alguns sensores de distância, que, juntamente com sistemas vibratórios colocados no pulso, permitiriam



descobrir a posição dos obstáculos ao seu redor, contribuindo desta forma para tornar a rotina diária do professor Bryan Lee muito mais fácil.

Este objeto biónico era capaz de detetar os obstáculos através dos sensores de distância implementados no colete e, também, com os seus sistemas vibratórios e sonoros, avisá-lo sobre objetos na sua periferia.

Tudo isto tinha sido concebido por Hank, sendo posteriormente melhorado com a ajuda do professor Walter White. Contaram também com a ajuda de alguns dos melhores alunos da Universidade que se mostraram logo disponíveis para fazer parte do projeto, como forma de agradecimento ao professor.

Durante vários dias, este grupo trabalhou afincadamente para conseguir ajudar o professor o mais rapidamente possível. Mesmo com muitas dificuldades, Hank Norris esforçou-se para preparar o colete o melhor possível, pois não gostava de ver o seu professor na situação em que se encontrava.

Como este objeto biónico estava a ser realizado numa altura pós pandémica e de inflação económica, uma das principais dificuldades era adquirir baterias para alimentar os sensores, pois, além do seu elevadíssimo custo financeiro, demoravam muito tempo a ser entregues. Para agilizar o processo, alguns dos alunos da universidade desenvolveram as suas próprias baterias, algo rudimentares, mas que colmataram assim a falha que havia no mercado. Outra das dificuldades foi configurar os sensores juntamente com as pulseiras vibratórias. Este problema, que envolvia questões informáticas e de programação, foi facilmente solucionado pelo professor Walter.

Com todos estes contratempos, Hank ficou sem tempo para a preparação da sua tese de final do curso. Se não conseguisse acabá-la, perderia mais um ano. No entanto, todos os professores, que presenciaram o esforço de Hank para ajudar o professor Bryan, e os demais elementos da Universidade de Marimbela se comoveram com o ocorrido e decidiram avaliar o projeto do colete em substituição do projeto inicial da tese.

Como era de esperar o colete foi de grande utilidade na vida de Bryan, simplificando o seu dia a dia e permitindo resolver muitos dos seus problemas. Devido à sua utilidade e aplicação prática, o projeto de Hank não só teve nota máxima, como foi objeto de uma reportagem especial para o maior canal de televisão de ciência internacional.

A partir desse dia, Hank começou a ser visto na sua Universidade como um aluno diferente e passou a ser mais respeitado. Com o passar dos anos, as suas vidas tomaram rumos diferentes, mas o professor Bryan e Hank permaneceram grandes amigos para o resto das suas vidas.

Autores:

Simão Santos, Tiago Salgueiro, Júlia Salgado, Maria Rolo, Margarida Ferreira, Miguel Milheirão e Guilherme Calhau

Apoio da Professora de Português: Mafalda Santos